

## **Fé, teatro e bola no pé: o cotidiano dos premonstratenses no Norte de Minas Gerais**

Faith, theater, and soccer: the everyday life of the premonstratensian canons from the North of the state of Minas Gerais, Brazil

*Francino Oliveira Silva*<sup>1</sup>  
*Luciano Pereira da Silva*<sup>2</sup>  
*Regina Célia Lima Caleiro*<sup>3</sup>

### **Resumo**

Os missionários de Ordens Religiosas que atuaram no Brasil nas primeiras décadas do século XX exerceram um grande impacto na sociedade da época. A intensidade desse impacto relaciona-se, entre outros, pelas características da atuação religiosa, tendo em vista a pluralidade de grupos que chegaram ao Brasil e suas mais variadas estratégias de intervenção. Assim, torna-se relevante o estudo das ações destes missionários para a compreensão da dinâmica social brasileira da época. Na região norte de Minas Gerais, a partir do ano de 1903, atuaram os premonstratenses, missionários belgas que tinham como uma de suas características a forte vida comunitária. Assim, tais religiosos aproximaram-se do cotidiano da população via adoção de estratégias como o futebol e o teatro, destaques desta investigação. Para mapear a história dos premonstratenses com ênfase nos primórdios da atuação destes no norte de Minas Gerais este trabalho adotou como fonte documentos alocados no arquivo da Abadia do Parc (Bélgica) e no Arquivo Secreto do Vaticano (Roma), jornais publicados em Montes Claros nas primeiras décadas do século XX e obras de memorialistas da região em estudo.

**Palavras-chaves:** Premonstratenses, Ordens Religiosas, Futebol, Teatro.

---

<sup>1</sup> Professor Doutor em História Eclesiástica pela Pontifícia Universidade Gregoriana - Departamento de História - UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros - Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro, Vila Mauricéia, CEP 39401-089, Montes Claros-MG. E-mail: francino@ig.com.br.

<sup>2</sup> Professor Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais - Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em, Estudos do Lazer - UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais - Av. Antônio Carlos, 6627, CEP: 31270-901, Belo Horizonte-MG. E-mail: lpereira45@hotmail.com.

<sup>3</sup> Professora Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais - Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História - UNIMONTES - Universidade Estadual de Montes Claros - Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro, Vila Mauricéia, CEP 39401-089, Montes Claros-MG. E-mail: regina.caleiro@hotmail.com.

## **Abstract**

Missionaries who came to Brazil in the early 20th century had a major impact on society at the time. This impact can be assessed by analysing how this religious group acted in that society considering the diversity of the groups arriving in Brazil and their various intervention strategies and influence on the daily lives of people. The premonstratensians had a strong community life as one of their main features. These Belgian missionaries started working in the North of the State of Minas Gerais, Brazil, in 1903. They used soccer and theater (both highlighted in the present study) as tools in order to be able to take a closer look on the everyday life of people living in that area. In order to map the history of the Premonstratensian canons (with an emphasis on the origins of their operations in the North of Minas Gerais a century ago), the following sources of information were used in this study: documents filed at Park Abbey (in Belgium) and in the Vatican Secret Archives (in Rome), newspapers published in the city of Montes Claros (in Minas Gerais, Brazil) during the first decades of the 20th century, and memoirs written by authors from that particular region in Brazil.

**Keywords:** premonstratensians, religious orders, soccer, theater.

## **Introdução**

No final do século XIX e início do século XX, em muitas regiões do Brasil havia escassez de religiosos para atender as múltiplas demandas da população. Na tentativa de resolver o problema, Ordens religiosas da Europa foram convidadas e incentivadas a desenvolver trabalho missionário nas regiões carentes. Para região norte do estado de Minas Gerais, que também sofria com a carência de assistência religiosa, foram designados os missionários premonstratenses.

A chegada da Ordem dos premonstratenses à principal cidade da região, Montes Claros, inaugurou um capítulo à parte na história da localidade. A partir de 1903, esses missionários passaram a atuar em muitas áreas e desenvolveram diversos projetos. Como exemplo, citamos a fundação de um jornal, a criação do Gremio Literário Mont'Alverne, a fundação do Clube

Dramático São Genesco com uma orquestra e a participação na criação do Colégio Imaculada Conceição junto com as religiosas da Congregação Sagrado Coração de Maria. Além dessas atividades, os premonstratenses atuaram intensamente na política local. Para Rodrigues<sup>4</sup>, os religiosos desta Ordem, em Montes Claros, “enveredaram-se praticamente em quase todos os ramos da vida social. Do teatro à educação poucos espaços deixaram de ser contemplados pelas ações dos padres”.

Apesar de determinantes na história do norte de Minas Gerais, as ações destes missionários ainda são pouco investigadas. Neste estudo, adota-se o pressuposto de que a atuação dos premonstratenses no norte de Minas Gerais teve como uma de suas características a forte vida comunitária. Assim, tais religiosos aproximaram-se do cotidiano da população via adoção de estratégias como o futebol e o teatro.

Este trabalho tem como objetivos mapear a história dos premonstratenses com ênfase nos primórdios da atuação destes no norte de Minas Gerais e relacionar a forte vida comunitária destes missionários com as ações implementadas em Montes Claros. Para isso, adotou como fonte documentos alocados no arquivo da Abadia do Parc (Bélgica) e no Arquivo Secreto do Vaticano (Roma), jornais publicados em Montes Claros nas primeiras décadas do século XX e obras de memorialistas da região em estudo.

### **As Origens da Ordem Premonstratense**

A Ordem dos cônegos regulares premonstratenses recebeu este nome da primeira abadia da Ordem, fundada em 1120, na diocese de Soissons na França, no vale chamado de *Prémontré*. Os premonstratenses também são chamados norbertinos porque o fundador da ordem foi São Norberto. Norberto de Genep,

---

<sup>4</sup> RODRIGUES, Gefferson Ramos. *História e igreja: os premonstratenses em Montes Claros*. 2005. (Graduação em História) – Universidade Estadual de Montes Claros, 2005, p. 35.

cônego regular em Xanten, na diocese de Colônia, se converteu em 1115. Retirou-se na solidão em busca de uma vida de contemplação e penitências, e depois iniciou a missão de pregador ambulante. Como pregador, denunciou os desvios que manchavam a vida de padres e leigos. Foi encorajado na sua missão pelo Papa Gelásio II em 1118. Após a morte deste papa, ele recebeu uma nova aprovação do Papa Calisto II em 1119.

O bispo de Laon, Barthélemy de Joux, querendo ser beneficiado pelos trabalhos de Norberto na sua diocese, fundou *Prémontré*, lugar pouco distante de sua cidade episcopal, e ali formou um grupo de discípulos. Norberto e seus discípulos iniciaram seus trabalhos abraçando três votos religiosos: obediência, celibato consagrado e pobreza. Adotou-se a regra de Santo Agostinho como inspiração básica para a vida em comum dos religiosos caracterizada por uma rigorosa pobreza, trabalho manual, austeridade de alimentos e roupas e uma vida contemplativa. Em 1126 foi nomeado Arcebispo de Magdeburgo e contou com os serviços de seus religiosos para realizar a reforma de sua diocese bem como para uma expansão missionária no norte da Alemanha<sup>5,6</sup>.

Quando Norberto foi nomeado arcebispo de Magdeburgo, em 1126, passou a coordenação da missão ao seu discípulo Hugues de Fosses. A nova ordem de *Prémontré* foi aprovada pelo Papa Honório II em 1126 pela bula *Apostolicae Disciplinae*. A dedicação de Hugues de Fosses e o apoio das autoridades eclesiásticas favoreceram a propagação da ordem na França, nos Países Baixos, na Alemanha, Polônia, Espanha, Itália e Dinamarca. Também na Inglaterra, Irlanda e Palestina.

Nos séculos XIII e XIV, a ordem de *Prémontré* sofreu uma forte decadência. Segundo São Norberto, a administração dos sacramentos e o serviço pastoral deveriam ter como centro uma abadia, onde os padres, encarregados do

---

<sup>5</sup> LECLERCQ, D. J. *La Spiritualità del medioevo da San Gregorio a San Bernardo* (sec. VI-XII), Bologna 1969.

<sup>6</sup> DEREINE, C. *Les Origines de Prémontré. Revue d'Histoire Ecclésiastique*, v. XLVII, p. 352-378, 1947.

ministério, levariam uma vida religiosa com todo seu rigor<sup>7</sup>. Após sua morte, tal concepção não sobreviveu. Nesse período de decadência, houve um grande relaxamento na vida dos cônegos que os levou a imitar os clérigos seculares. Durante alguns acontecimentos da história como o Cisma do Ocidente (1304-1378), o Concílio de Trento (1545-1563) e a Revolução Francesa (1789), houve sempre um esforço de renovação.

Com a Revolução Francesa, foram suprimidas todas as abadias existentes na França. Entre 1797-1802, foram suprimidas as abadias que se encontravam nos territórios ocupados pelos franceses, ou seja, na Bélgica, Renânia e Itália. O último abade premonstratense geral da época, João Batista L'Ecuy (1780-1790, + 1834) teve que assistir, impotentemente, a tal ação. Somente em 1830, com a independência da Bélgica e a garantia de maior liberdade religiosa, foram revigoradas as abadias de Averbode, Grimbergen, Park, Postel e Tongerlo, porém, sem nenhuma ligação com as casas já existentes. Este grupo de abadias desenvolveu um forte ideal contemplativo.

Na reorganização das diversas abadias, existiam na segunda metade do século XIX grupos de premonstratenses com experiências diferentes: o grupo brabantino (Bélgica) acentuava a vida rígida, o grupo das casas austro-húngaras tinha uma vida menos claustral e mais ativa. Estes conservaram o exercício do ministério nas paróquias incorporadas às abadias. Após a morte de João Batista L'Ecuy (+1834), não houve um abade geral, e isso levou a ordem a uma falta de unidade.

O Concílio Vaticano I (1869-1870) propiciou um esclarecimento diante da exigência de um representante da ordem premonstratense. Em 1869, num encontro realizado em Viena, decidiu-se pedir à Santa Sé que reunisse as abadias numa ordem premonstratense a fim de enviar ao Concílio Vaticano I um regular abade geral. Com a aprovação da Santa Sé, foi eleito em 17 de março de 1869, o

---

<sup>7</sup> AMANN, E. Prémontrés. In : *Dictionnaire de Théologie Catholique*, XIII/1, Paris 1936, p. 4.

abade geral Jerônimo Freiherr von Zeidler, da abadia de Strahov (Praga) que morreu em Roma no dia primeiro de março de 1870, durante o Concílio.

No dia 16 de junho de 1876, as cinco abadias belgas obtiveram da Santa Sé o poder de se constituírem em província com a denominação de *Circaria brabantina*. No capítulo geral, celebrado em Viena no ano de 1883, os abades presentes concordaram com a reconstituição da ordem e elegeram como abade geral Sigismondo Stary, da abadia de Strahov que foi confirmado imediatamente pelo Papa Leão XIII em 9 de novembro de 1883. No mesmo capítulo, foi decidida a permanência de um procurador geral da ordem em Roma para os negócios da ordem com a Santa Sé, e foi reorganizada a divisão em circarias.

Quanto ao apostolado missionário, o fundador Norberto de Gennepe, já como arcebispo de Magdeburgo, concebeu um plano grandioso: confiar aos seus religiosos a evangelização da Livônia e, para facilitar essa tarefa, quis que os abades de seus mosteiros fossem bispos. A partir de 1896, os padres premonstratenses se fazem presentes nos países de missão: Brasil (1896), com membros da abadia de Averbode e Park; o atual Zaire (1898) com membros da abadia de Tongerlo e, mais tarde (1937), com membros da abadia de Postel; Dinamarca (1904) com membros da abadia de Averbode; Índia (1923) com membros da abadia de Berne (Heeswijk, Holanda); África Meridional (1951) com membros da abadia de Grimbergen; Austrália (1958) pela obra da abadia de Kilnacrott (Irlanda); Chile (1966) pela obra da abadia de Tongerlo<sup>8,9</sup>.

### **Premonstratenses deixam a Abadia do Parc (Bélgica) em busca do Brasil**

No final do século XIX, o Papa Leão XIII (1878-1903) era o Pontífice, quando a América Latina celebrou o quarto aniversário de seu descobrimento

---

<sup>8</sup> ARDURA, B. *Premonstratensi: nove secoli di storia e spiritualità di un grande Ordine Religioso*. Bologna, 1997.

<sup>9</sup> VALVEKENS, B. *Premonstratensi*. In: *Dizionario degli Istituti di Perfezione*, VII. Frascati, 1973, p.720-746.

(1492-1892). O Papa Leão XIII motivou um redescobrimento da América, vista como continente da esperança onde as diferenças culturais, étnicas, lingüísticas e históricas encontravam uma unidade na fé em Jesus Cristo<sup>10</sup>. Nesse período, na América em geral, os bispos e sacerdotes se encontravam em dioceses e paróquias imensas, havia escassez de padres e poucos recursos. Segundo Miceli<sup>11</sup>, a política expansionista da Igreja Católica no Brasil tinha principalmente dois artifícios: reconquistar os espaços ameaçados em virtude da ruptura com o Estado e angariar novos grupos para formarem a elite eclesiástica.

Na primeira metade do século XIX, a vida religiosa masculina e feminina havia experimentado uma decadência quase geral<sup>12</sup>. O reflorescimento da vida religiosa no Brasil ocorreu a partir do final desse mesmo século, quando para solucionar o problema da quantidade numérica de padres, os bispos do Brasil se voltaram para os religiosos estrangeiros.

Na América Latina, a igreja católica, a partir do final século XIX, valeu-se do envio de missionários europeus para disseminar os princípios do catolicismo determinados pelo centro da Igreja. Porém, tal estratégia enfrentava dificuldades, entre elas a difícil adaptação dos missionários de Ordens e Congregações européias ao diferente contexto social da América Latina<sup>13</sup>.

Em 1894, a ordem de São Norberto recebeu um convite do Papa Leão XIII através da Nunciatura Apostólica em Bruxelas para fundar casas na América Latina: “a fim de cooperar de uma maneira eficaz à renovação do espírito cristão nestas populações e à reforma da moralidade pública”<sup>14</sup>. A Ordem premonstratense veio para o Brasil, conforme solicitação realizada pelo bispo de

---

<sup>10</sup> CARRERA, N. C. La Evangelización de América: memoria y perspectivas. In: PONTIFICIA COMMISSIO PRO AMERICA LATINA, *Os Últimos Cem Anos da Evangelização na América Latina*, 1999, p. 35-50.

<sup>11</sup> MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

<sup>12</sup> AZZI, R. Os Institutos religiosos no Brasil durante a época imperial. *Convergência*, v. 115, 1978, p. 435-447.

<sup>13</sup> MICELI, “A elite eclesiástica...”.

<sup>14</sup> Carta do Núncio Giuseppe Francica Nava di Bontifé aos premonstratenses na Bélgica aos 6 de outubro de 1894. Arquivo da Abadia do Parc, Bruxelas.

São Paulo D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti à Abadia de Averbode na Bélgica em 1896. Os primeiros cônegos chegaram ao Brasil, estabelecendo-se no Santuário de Bom Jesus de Pirapora em São Paulo<sup>15</sup>.

Os cônegos Vicente Van Tongel e Raphael Goris chegaram ao Brasil aos 4 de setembro de 1896. No dia 21 de setembro, o bispo de Mariana D. Silvério Gomes Pimenta escreveu ao cônego Vicente, expressando-lhe seu desejo de contar com a presença dos premonstratenses na sua diocese. O seu pedido foi encaminhado ao Abade de Averbode D. Gummaro Crets<sup>16</sup>. Aos 31 de maio de 1897 chegaram novos missionários da mesma Abadia. Entre eles estava o cônego Hugues Albert Fesingher da Abadia do Parc. Esse cônego foi enviado à diocese de Mariana no início de 1898. No dia 10 de julho de 1899 aconteceu a primeira visita do Abade de Averbode aos religiosos em São Paulo. Em sua companhia vieram os cônegos Etienne Bayens, Paul Aertgeerts, Anselme Valvekens, três irmãos coadjutores e o cônego Jacques Rosier, religioso da Abadia do Parc.

Desde o início da missão, os *Padres Brancos* da Abadia de Averbode, assim conhecidos devido ao hábito que vestiam, correspondiam às intenções do episcopado brasileiro. Embora não conhecessem a língua portuguesa, graças ao conhecimento da Língua Latina logo superaram esse entrave. O Santuário do Bom Jesus de Pirapora, freqüentado por muitos brasileiros naquela época, o catecismo que ensinavam e o Colégio São Norberto, fundado em 1897, se enquadravam no ideal almejado pelos bispos de dar continuidade à reforma católica. No ano de 1904, o então bispo de São Paulo, D. José de Camargo Barros, negociou com os premonstratenses de Averbode, a transferência do Seminário Menor da capital paulista para a Vila de Pirapora.

Figuras importantes do episcopado brasileiro viram de perto o apostolado desses religiosos. Em 1908, o retiro espiritual foi pregado pelo

---

<sup>15</sup> HANTRAIN, G. C. Recordando o Jubileu de cem anos da Ordem no Brasil 1894 -1995. *Espaço Norbertino*, v. 3, 1994, p. 15-18.

<sup>16</sup> GASPARD, M. M. *L'Abbaye d'Averbode et ses Missions du Brésil*. Louvain, 1905.

cônego D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, futuro Cardeal do Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano, o Seminário recebeu a visita do primeiro Cardeal do Brasil e da América Latina, D. Joaquim Arcoverde. O Seminário Menor cresceu sempre mais, chegando a contar, em 1909, com seminaristas das Arquidioceses do Rio de Janeiro e São Paulo e das dioceses de Botucatu, Campinas, Ribeirão Preto, São Carlos e Taubaté.

Naquela mesma época, religiosos de outras congregações chegavam ao Brasil. Por exemplo, em 1894, chegaram os redentoristas que juntamente com outros religiosos como os lazaristas, os capuchinhos, jesuítas e outros, iriam fortalecer o movimento de implantação da reforma católica já iniciada no período imperial. Mariana foi uma das primeiras dioceses do Brasil a se inserir nesse movimento de reforma quando o seu bispo era D. Viçoso. Seu sucessor D. Antônio Benevides deu continuidade aos trabalhos de D. Viçoso e conseguiu os primeiros padres redentoristas para a sua diocese. Desde então, com o serviço da pregação das missões, a catequese popular foi intensificada. Os santuários de devoção popular começam a contar com a direção deles. Em 1894, eles fundaram a sua primeira casa em Juiz de Fora-MG, com os padres redentoristas da Província Holandesa. Naquele mesmo ano, a pedido do bispo de São Paulo, D. Lino Deodato, eles assumiram a Igreja Nossa Senhora Aparecida. Sob a orientação deles, a partir de 1895, o santuário mariano começou a contar com uma vida religiosa segundo o espírito tridentino. Catequese e frequência sacramental marcarão a atuação dos filhos de Santo Afonso Maria de Ligório.

Na ocasião do Concílio Plenário Latino-Americano, realizado em Roma no ano de 1899, os bispos brasileiros aproveitaram a oportunidade para contatos com diferentes congregações. D. Silvério aproveitou a circunstância para conhecer a Abadia do Parc e pedir pessoalmente religiosos para a sua diocese. No Brasil havia falta de clérigos, na Diocese de Diamantina, por exemplo, mais de 40 paróquias estavam sem padre. O Papa Leão XIII, no

encerramento do Concílio Plenário, falou em “fundação de novos seminários diocesanos ou regionais, de alta qualidade acadêmica e espiritual”<sup>17</sup>.

Logo depois, enquanto os missionários de Averbode ampliavam sua missão, na Abadia do Parc, o Abade Quirin Nols decidiu estabelecer uma missão no Brasil. Apresentava-se aos cônegos do Parc uma oportunidade de renovação e esperanças de novas vocações. Nesta ocasião, na Abadia do Parc, foi preparado um folheto para informar ao povo a missão que os cônegos iriam realizar no Brasil, na diocese de Mariana. Tentava-se sensibilizar o povo para colaborar nas necessidades numerosas e urgentes que tal missão iria exigir. Algumas necessidades são indicadas: numerosos ornamentos para a Igreja, despesas de viagens, a fundação da missão, a criação de um colégio, o ministério da vida apostólica, etc. A resposta obtida foi significativamente generosa.

O Abade do Parc, Quirin Nols, acompanhou os cônegos Alderic de Paw e Charles Vincart (que no norte de Minas Gerais passou a ser chamado de Carlos Vincart), chegando ao Brasil aos 6 de junho de 1898. No encontro com o bispo de Mariana lhes foi confiada a paróquia de Congonhas do Campo, onde iriam dirigir o santuário de Bom Jesus de Matozinhos<sup>18</sup>. O cônego Fesingher foi nomeado pároco com a ajuda de seus confrades. Essa cidade contava com 3.000 habitantes e já possuía algumas igrejas, inclusive o Santuário que atraía muitos peregrinos. Após seis semanas no Brasil, o abade Quirin Nols retornou à Bélgica onde procurou divulgar a missão a fim de poder garantir a sua sustentação e

---

<sup>17</sup> CARDENAS, E.; ALDEA, Q. *Manual de Historia de La Iglesia*, X, Barcelona 1987, p.1310.

<sup>18</sup> Congonhas do Campo foi oferecida aos redentoristas em 1893; esses não a aceitaram porque ficava à distância de mais ou menos duas horas e meia da estrada de ferro. Depois, fora do tempo das romarias em setembro não haveria bastante serviço. Finalmente porque era impossível chegar a um entendimento com a irmandade que em Congonhas administrava os rendimentos do santuário. Naquela ocasião, os redentoristas preferiram a cidade de Juiz de Fora (AZZI, R. Os redentoristas no Brasil na última década do século passado. In: AZZI, R.; BEOZZO, J. O. (Orgs.). *Os Religiosos no Brasil: enfoques históricos*. São Paulo, 1986., p. 67).

desenvolvimento. O cônego Jacques Rosier e Joseph Boelaerts chegaram em 1900 e foram para a missão em Congonhas do Campo<sup>19</sup>.

Assim que retornou de Roma, D. Silvério enquanto realizava suas viagens de visitas pastorais, foi acompanhado pelo cônego Vincart que pôde conhecer boa parte da região, inclusive a cidade de Sete Lagoas, a parada final da estrada de ferro Central do Brasil. Para essa cidade os cônegos Fesingher e Vincart projetaram um colégio, o Colégio Sagrado Coração de Jesus, que foi inaugurado aos 15 de outubro de 1900 e, ainda nessa cidade, ficaram responsáveis pela paróquia os cônegos Fesingher, Vincart e Boelaerts enquanto os cônegos Alderic, o prior e Rosier permaneceram em Congonhas. Em 1902, por motivo de saúde, cônego Rosier não pôde permanecer naquela missão e, acompanhado pelo cônego Vincart, retornou à Bélgica. Naquele mesmo ano o cônego Vincart retornou a Sete Lagoas com o cônego Francisco de Paula Moureau que, em Montes Claros, será chamado, simplesmente, de padre Chico.

O Colégio de Sete Lagoas tornou-se bastante oneroso. Padre Chico escreveu que os brasileiros mesmo tendo uma “natureza essencialmente boa e generosa” não queriam investir na educação, pois

resulta que os brasileiros não sentem tanto como nós a necessidade de instrução e não estão longe de considerá-la como um luxo supérfluo. Enfim, eles são homens de desejos, nada mais que homens de desejos... o senhor compreende como tais disposições são feitas para que se exerça a nossa paciência. Nossa tarefa é rude, não escondo; ela é plena de privações e sobretudo muito mal recompensada<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> Maurice Gaspar é o grande cronista da missão premonstratense no Brasil, tendo escrito as seguintes obras: *L'Abbaye d'Averbode et ses Missions au Brésil*, Louvain 1905; *Les Prémontrés Belges et des Missions Étrangères*, Louvain 1905; *Dans le Sertão de Minas*, Louvain 1910; *A Imprensa em Montes Claros*, Montes Claros 1922; *O Bispado de Montes Claros (1910-1922)*, Montes Claros 1925; *Trentes Années d'Apostolat au Brésil*, Malines 1930. Os escritos de Cônego Maurice foram realizados enquanto os cônegos que atuaram no norte de Minas Gerais ainda estavam vivos. Além do mais, ele deixa claro que o objetivo de suas obras é realizar uma propaganda na Bélgica para que mais pessoas possam abraçar a causa da missão premonstratense.

<sup>20</sup> GASPAR, M. M. *Trente Années d'Apostolat au Brésil*, Malines 1930.

Outras dificuldades marcavam a vida dos cônegos premonstratenses, entretanto, Cônego Carlos Vincart, enquanto se encontrava em Congonhas do Campo, via a sua comunidade como um pequeno paraíso. Apesar de todas as dificuldades, de todos os sofrimentos, ele estava convicto de que no mundo não existia uma comunidade mais unida que a dele<sup>21</sup>, porém, quando se encontra na comunidade de Sete Lagoas, seu parecer se modifica radicalmente, manifesta descontentamento em relação a seus confrades; lamenta que o Cônego Hugo esteja visitando cotidianamente a casa de um professor do colégio e a casa de uma irmã dele que era muito bela. Estranha o relacionamento tão familiar a uma pessoa que vivia só. Entre outros comentários, o cônego Carlos Vincart se queixa da desordem existente na vida da comunidade e esta situação é mostrada numa carta, em 1902, escrita ao Abade. Ele pede então seu afastamento daquela atmosfera, ao mesmo tempo, pergunta se o Abade já tinha respondido ao pedido do Bispo de Diamantina<sup>22</sup>.

### **Montes Claros: última chance para os religiosos do Parc (Bélgica)**

O bispo coadjutor de Diamantina, D. Joaquim Silvério de Souza, já havia escrito em 18 de novembro de 1902, ao Abade do Parc, pedindo-lhe missionários para as paróquias do sertão norte-mineiro. D. Joaquim escreveu uma carta ao Abade Quirin Nols após ter conversado com os cônegos Vincart e Hugues. A diocese de Diamantina era grande e os padres eram poucos para as numerosas funções pastorais. Preocupado com a realidade de sua diocese, marcada por grandes extensões e populações espalhadas, ele assim escreve ao abade premonstratense na esperança de poder contar com religiosos do Parc:

---

<sup>21</sup> Carta do Cônego Carlos Vincart ao Abade do Parc Quirin G. Nols aos 16 de novembro de 1898. Arquivo da Abadia do Parc, Bruxelas.

<sup>22</sup> Carta do Cônego Carlos Vincart ao Abade do Parc Quirin G. Nols aos 20 de dezembro de 1902. Arquivo da Abadia do Parc, Bruxelas.

No campo do pai de família que me foi confiado, compete-me o dever de pensar na escassez daqueles que executam as funções pastorais. Eis porque desejo ardentemente ver acrescido o número de sacerdotes, que santa e louvavelmente se ocupem desses cargos. Infelizmente, são numerosas as paróquias privadas de levitas que se ocupem das funções pastorais, e o número dessas aumenta sempre mais. Eis porque desejo de possuir colaboradores estrangeiros, envio-vos esta carta, Reverendíssimo Padre, a fim de que tenhais a bondade de enviar a esta considerável messe, missionários premonstratenses, que diligentemente haverão de partir com seus fiéis o pão da palavra divina, e incansavelmente transmitirão ao povo os ensinamentos da doutrina cristã<sup>23</sup>.

Na mesma carta, o religioso também destaca a motivação principal para o exercício do ministério naquela região: “dóceis e simples são, com efeito, as populações nesta diocese de Diamantina, e os sacerdotes são venerados com grandes sinais de respeito”<sup>24</sup>.

Todavia, os religiosos de Sete Lagoas preferiram tentar uma fundação no sul do Brasil, onde o clima é mais temperado, e um colégio poderia alcançar maior sucesso junto a uma população com forte presença de estrangeiros. Ainda que D. Joaquim tenha manifestado muita boa vontade, as paróquias de sua diocese não apresentavam aquela estrutura exigida por diversas congregações. Assim, com a obtenção da permissão do superior, os premonstratenses partiram para o Estado do Paraná. Ali eles não encontraram as necessárias garantias para a fundação de um colégio. Por isso, os cônegos Vincart e Moureau retomaram o caminho de Minas Gerais e ofereceram uma resposta positiva aos apelos de D. Joaquim. Os cônegos Fesingher e Boelaerts continuaram em Sete Lagoas.

No ano seguinte, 1903, o cônego Carlos Vincart enviou um projeto de contrato a D. Giulio Tonti para que ele desse seu parecer, pois Dom Joaquim Silvério de Souza Ihe estava confiando a administração por um tempo

---

<sup>23</sup> Carta de D. Joaquim Silvério de Souza ao Abade do Parc Quirin G. Nols aos 18 de novembro de 1902. Arquivo da Abadia do Parc, Bruxelas.

<sup>24</sup> *Ibidem*.

indeterminado, da paróquia de Montes Claros, na diocese de Diamantina. Segundo a proposta de Dom Joaquim, os premonstratenses não sofreriam o controle seja do conselho de fábrica, seja de uma confraria ou irmandade para a administração da Igreja. No contrato, conforme havia sido preparado pelo cônego Carlos Vincart, a ordem premonstratense se obrigava a manter o número suficiente de religiosos para as necessidades espirituais das paróquias e os vigários seriam designados pela Ordem. Os religiosos se comprometiam em respeitar os estatutos da diocese, e o bispo, os privilégios dos religiosos. O bispo deveria autorizar os religiosos para a abertura de um colégio, quando as circunstâncias permitissem e para algumas mudanças notáveis no contrato, o bispo deveria fazer a advertência com antecedência de um ano<sup>25</sup>.

Uma vez inteirado do projeto, o núncio fez uma observação a respeito de confiar a paróquia por tempo indeterminado:

Eu preferiria que o tempo fosse determinado por ex. 50 anos. Assim ao menos 50 anos são assegurados = sinão amanhã pode vir um novo bispo e tomando este ou aquelle pretexto poderia tentar a rescisão do contracto. Queira submeter esta minha observação ao seu Prelado e tenha-se ao definitivo juizo do mesmo<sup>26</sup>.

Quando os cônegos chegaram a Diamantina para a realização do contrato, eles se encontraram com o cônego Lúcio Antunes de Sousa, então secretário do bispado e que havia trabalhado em Montes Claros durante sete anos. Ele acompanhou os cônegos premonstratenses até Beriberi para a apresentação destes ao bispo de Diamantina, D. João Antônio dos Santos, que ainda lhes propôs outras paróquias importantes como Salinas e Paracatu. Os premonstratenses preferiram a paróquia de Montes Claros, portanto o cônego Vincart foi nomeado pároco e padre Chico, seu coadjutor.

---

<sup>25</sup> Carta de Cônego Carlos Vincart ao Núncio D. Giulio Tonti aos 18 de maio de 1903. Arquivo Secreto do Vaticano, Roma. Nunziatura Apostolica in Brasil, (1902-1906), fasc. 495, 27.

<sup>26</sup> Carta de D. Giulio Tonti ao Cônego Carlos Vincart aos 22 de maio de 1903. Arquivo Secreto do Vaticano, Roma. Nunziatura Apostolica in Brasil, (1902-1906), fasc. 495, 28.

Os premonstratenses do Parc nessa época, já eram bem conscientes do objetivo da presença dos religiosos estrangeiros por todo o Brasil. Maurice Gaspar ressalta em que consistirá o apostolado dos premonstratenses:

Não foi ao apostolado de conquista e de expansão que foram chamados, segundo o desejo de Sua Excelência. Entretanto, o apostolado conservador, que tem por alvo manter, ali onde foram implantados há muito tempo, a fé e os costumes do Evangelho; e lutar contra a ignorância, a impiedade, a heresia, a fim de impedir que retomem pouco a pouco o terreno conquistado, esse ministério de defesa e de conservação é absolutamente bom e meritório, necessário e indispensável. Sem dúvida, é certo dizer que o apostolado de conquista se exerce por toda parte atualmente, sobretudo onde, mesmo no seio dos povos considerados católicos, há tanto terreno perdido que se deve conquistar<sup>27</sup>.

Quando os premonstratenses partem para Montes Claros, já experimentaram um pouco da realidade do Norte de Minas. Mesmo assim, como era comum aos estrangeiros, eles se sentiam sempre maravilhados com as novidades do Brasil. Tratava-se, segundo a sua visão, de mais uma conquista do chamado “mundo civilizado” em relação ao “mundo selvagem”. Valores comuns ao povo brasileiro daquela época era motivo de admiração quando eles fizeram a viagem de Diamantina para Montes Claros. Entre o comportamento admirado, um dos que mais lhes chamou a atenção foi a generosa hospitalidade, considerada como um dos traços mais salientes do caráter do sertanejo:

O Brasileiro do interior sabe o que seja hospitalidade, mas exige que estejais em sua casa à vontade e que deixeis a porta todo ritual daquele mundo de convenções em que o europeu está habituado a viver. De sua parte, o brasileiro não pretende mudar coisa alguma do seu modo de existência. Nossos dois missionários se viram pois, cercados de toda a família, grandes e pequenos, sem condições hierárquicas, acorrendo para ajudá-

---

<sup>27</sup> GASPAR, “Trente Années d’Apostolat...”, p. 6.

los e abraçá-los. Imediatamente um grande número de domésticos, de todas as idades e de todas as cores, tomam os animais, tiram-lhes as selas, descarregam suas bagagens e lhes fornecem uma boa ração de milho, antes de conduzi-los ao pasto. Os moleques acorrem para pedir a «bênção aos senhores padres» ou murmuram a fórmula «Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo»<sup>28</sup>.

Ficaram deveras impressionados com refeição que, quase por toda parte, era sempre oferecida aos senhores padres: “[...] grande quantidade de carne de vaca ou de porco, frango, pratos enormes de arroz e de feijão (*haricots*), de farinha de milho ou de farinha de mandioca enchem, pouco a pouco toda a superfície da mesa, conforme o costume da região” (GASPAR, 1930, p. 16).

Ainda no percurso rumo a Montes Claros, um fato curioso demonstra a mentalidade de que a Igreja era o padre, ou mesmo que o povo daquela época, pela ignorância ou indiferença, não era visto como merecedor pelo padre da confiança para a responsabilidade e cuidado da igreja do lugar em que habitavam:

Tendo chegado num sábado à tarde, a uma localidade que era sede da paróquia, os missionários esperavam pelo menos celebrar a santa Missa. Infelizmente, ficaram bastante decepcionados ao saber que o vigário partira levando a chave, pouco se preocupando com suas obrigações quanto a seus paroquianos. Alguns homens fortes ofereceram-se então aos dois religiosos para arrombar a porta da Igreja. Estes não aceitaram a proposta e com razão! A prudência exigia deles aquele sacrifício<sup>29</sup>.

Eles percorreram trinta e uma léguas, suportando muitas dificuldades, atravessando rios, até que chegaram a Bocaiúva, a 9 léguas de Montes Claros, no dia 26 de julho de 1903. Os cônegos premonstratenses, acompanhados pelo cônego Lúcio, foram recebidos pelo padre José Carolino Menezes, pároco de Bocaiúva naquela ocasião. A chegada a Montes Claros foi no dia 27 de julho de

---

<sup>28</sup> GASPAR, “Trente Années d’Apostolat...”, p. 14

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 17.

1903 e o início do apostolado, embora cheio de dificuldades e exigências, foi marcado por um grande entusiasmo.

Como já se viu, os bispos do Brasil, no início da primeira República se esforçam para levar adiante a reforma da Igreja. Embora não existisse no Brasil uma perseguição à Igreja como em outros países da América Latina, por todas as partes do Brasil existia uma minoria que não olhava com bons olhos a presença do clero, e muito menos quando se tratava de estrangeiros. Também em Montes Claros houve uma certa reserva diante da chegada dos padres estrangeiros:

Boatos bastante malévolos haviam ocorrido, poucas semanas antes, a respeito dos recém-vindos que, entretanto, dirigiam-se a Montes Claros com as mais pacíficas intenções. Era a desconfiança, diria sem dúvida, um ódio secreto para com os estrangeiros, os *Padres Brancos* que ousam aventurar-se num meio bem pouco conhecido dos europeus. Outra parte da população, a que não acreditava nos boatos da fracção adversa, desejava testemunhar sua simpatia pelos missionários. Eis porque a entrada destes foi acompanhada de demonstrações costumeiras no Sertão, isto é, de uma escolta de cavaleiros e do estampido de foguetes, sinais seguros de uma recepção triunfal. Muitas pessoas, levadas um pouco também por curiosidade de ver padres de batina branca, se haviam reunido próximo à residência do cônego Lúcio, onde deveriam descer os dois religiosos<sup>30</sup>.

Os premonstratenses em Montes Claros, longe da vida de contemplação e solidão na grande e famosa Abadia do Parc, se depararam com um imenso campo de trabalho. No primeiro ano de apostolado, eles já podiam apresentar aos bispos de Diamantina os resultados positivos. Favoreceram a Irmandade do Apostolado da Oração, fundada naquele ano em Montes Claros, ofereceram o catecismo para 150 crianças, sem contar os esforços que empregaram na restauração de inúmeras igrejas.

No ano seguinte, no dia 10 de maio, o bispo coadjutor lhes fez a visita pastoral. A chegada de D. Joaquim a Montes Claros lhes proporcionou uma

---

<sup>30</sup> GASPARD, "Trente Années d'Apostolat...", p.31-32.

agradável surpresa. No ano anterior havia estado em Januária, realizando a visita pastoral. Ali ele manifestou publicamente o desejo de trabalhar pela criação de uma nova diocese, provavelmente com sede em Januária. No entanto, ao conhecer a cidade de Montes Claros, pôde contar com uma nova possibilidade. A preparação, realizada pelos premonstratenses, causou-lhe muita satisfação. Conhecendo um pouco da realidade que marcava a Igreja do Brasil após a separação entre Igreja e Estado, notou que, em Montes Claros, a boa convivência entre ambos apresentava boas perspectivas para o futuro. No do cortejo para sua recepção, o bispo coadjutor de Diamantina percebeu uma sociedade aberta à presença da Igreja:

À frente, a Câmara Municipal, representada por seu secretário e 7 (cameristas) deputados; o conselho de administração do hospital, a comissão do comércio e da indústria das artes e ofícios. A união trabalhadora e patriótica, representada pela quase totalidade de seus membros e precedida da Sociedade Filarmônica Trabalhadora [...]. 14 meninas de branco com fita azul ao pescoço, representando as igrejas e capelas filiais de Montes Claros [...], um grupo de 43 meninos, trajados a caráter, representando todos os ofícios exercidos na cidade e nos arredores [...].

Em seguida vinham: O Apostolado da Oração, representado por 220 membros [...], a Sagrada Infância, representada por 30 meninas vestidas de branco; as sete escolas de curso primário, com seu respectivo estandarte. Todos os alunos, em número de 250, traziam bandeirolas de diversas cores. A Escola Normal estava em massa e com uniforme de gala [...]. Vinha depois o Grêmio Literário com seu estandarte e, finalmente, a banda de música Euterpe Montesclarensense fechava o cortejo, enquanto, no palácio episcopal, aguardavam suas excelências os senhores Senador Camilo Prates, o deputado Celestino Soares e diversas autoridades<sup>31</sup> (GASPAR, 1930, p.47-49).

Essa manifestação teve um significado especial para um membro do episcopado brasileiro. Ele chegou às portas da cidade, “sorrindo de contentamento como também de admiração” (GASPAR, 1930, p.49).

---

<sup>31</sup> GASPAR, “Trente Années d’Apostolat...”, p. 47-49.

Na visão do bispo, todo aquele espetáculo lhe dava a confirmação da importância da Igreja para o povo da daquela região. Além disso, a capacidade de reunir uma sociedade dividida politicamente foi uma iniciativa expressiva da atuação inteligente daqueles primeiros missionários estrangeiros que se encontravam em Montes Claros.

Naquele ano da visita de D. Joaquim, a missão premonstratense no Estado de Minas se encontrava da seguinte maneira: os cônegos Vincart e padre Chico em Montes Claros, os cônegos Fesingher e Boelaerts em Sete Lagoas, e o prior Alderic de Paw em Congonhas do Campo (SOUZA, 19010). Em 1905 chegou um novo missionário para Montes Claros, o cônego Benoît Maussen e após a sua chegada, fundou-se o Colégio São Norberto, alugando-se para isso o prédio da Escola Normal a qual fora suprimida em outubro daquele ano pelo Governo do Estado. O Colégio São Norberto não obteve sucesso, e com isso, os premonstratenses não puderam responder àquela expectativa dos bispos do Brasil, que viam na fundação de colégios por missionários estrangeiros uma urgente necessidade para educar a juventude sob os princípios da vida cristã.

No trabalho paroquial, os cônegos contam com o dinamismo do Apostolado da Oração, da Conferência São Vicente de Paulo fundada por D. Joaquim em 1904, da Obra da Santa Infância e das Obras das Damas de Caridade e, em 1907, Montes Claros recebeu mais um cônego, Maurice Gaspar. Com o passar do tempo, algumas paróquias próximas a Montes Claros foram ficando vacantes. A pedido do bispo, o serviço religioso nessas paróquias foi assumido pelos premonstratenses, o que muito sobrecarregou a missão desses religiosos. No dia 12 de junho de 1907, o padre Chico tomou posse da paróquia do Senhor do Bom Fim de Bocaiúva. De fato, esse ano foi marcante para a história da missão premonstratense. Eles não conseguiram manter o colégio, mas puderam fundar um jornal na cidade de Montes Claros intitulado *A Verdade*<sup>32</sup>, sob a direção deles

---

<sup>32</sup> Nessa época o serviço da Imprensa Católica deveria estar a serviço da implantação ou fortalecimento do espírito tridentino. Segundo esse objetivo da Imprensa Católica, o jornal *A*

e a colaboração de alguns católicos. Nesse mesmo ano, ocorreu a chegada das religiosas belgas e mais dois missionários para ajudar na realização da missão que havia crescido desde a primeira chegada dos missionários premonstratenses a Montes Claros.

Obviamente era um mundo diferente e estranho aos novos moradores. Acostumados numa Abadia marcada por tantos séculos de história, o mundo que encontraram era simples e muito estava para ser feito. Inicialmente se sentem comprometidos com o objetivo do episcopado brasileiro em continuar e implantar onde ainda não existia a reforma da Igreja, favorecendo a aproximação do povo à igreja, pela freqüência aos sacramentos. Com suas iniciativas os missionários premonstratenses conseguiram pouco a pouco organizar a Igreja na paróquia de Montes Claros e outras vizinhas. Para a população em geral era a primeira vez que se tinha a possibilidade de uma assistência religiosa mais efetiva, ainda que os premonstratenses não pudessem compreender tão facilmente o catolicismo popular que marcava as origens dos habitantes daquela região.

Foi um tempo deveras muito favorável ao apostolado dos cônegos premonstratenses, pois passaram a administrar várias paróquias: Itacambira, Jequitaiá, Coração de Jesus, São Francisco, Olhos d'Água e Terra Branca. Ainda que os missionários apresentassem qualquer dificuldade ao bispo, tornava-se até mesmo arriscado fazer-lhes qualquer repreensão. Numa região de tão poucos recursos, só o fato de ter padres já era muito positivo. Os premonstratenses, oriundos de um país de pequena extensão territorial, podiam sentir-se quase bispos de toda aquela parte do extremo norte de Minas. O modo como viviam, muitas vezes sozinhos, no serviço religioso a essas paróquias, lhes dava uma aparência de padres quase diocesanos.

---

*Verdade*, semanário religioso, científico, literário e noticioso da freguesia, ofereceu seu primeiro número a primeiro de maio de 1907. Inicialmente contou com a direção e redação dos padres premonstratenses que adquiriram a tipografia de Eusébio Sarmiento. Com a saída de seu fundador, o Cônego Carlos Vincart, em 1917 o jornal desapareceu depois de dez anos e dois meses de existência. Durante o ano de 1911, O Deputado Federal Camillo Prates foi o redator deste jornal.

De fato, a vida comunitária dos cônegos premonstratenses, desde o início, causou preocupação a D. Silvério, bispo de Mariana e a D. Joaquim, bispo de Diamantina. Os bispos, no zelo pastoral, não se omitiram diante desse defeito que apresentaram os religiosos premonstratenses do Parc. Dom Joaquim manifestou ao Abade do Parc a sua preocupação com a vida comunitária deles. Ele sugeriu ao Abade que em Montes Claros fosse fundado um convento premonstratense, pois não era conveniente que os sacerdotes das ordens religiosas vivessem sem uma comunidade regular<sup>33</sup>.

### **Os premonstratenses no cotidiano dos montes-clarenses: o futebol e o teatro**

A marcante vida comunitária dos premonstratenses em Montes Claros proporcionou a atuação destes religiosos em diversos aspectos da vida social local. Neste estudo, destacamos a relação destes religiosos com o futebol e com o teatro.

Em Montes Claros, a introdução da prática de futebol pode ser atribuída aos religiosos da ordem dos premonstratenses. Curiosamente, apesar de pautarem suas ações na manutenção da tradição, se valeram de uma prática moderna em suas atividades. O pioneirismo dos premonstratenses no que diz respeito à introdução do futebol na cidade pode ser constatado na narração de memorialista a seguir:

Ainda, como se fora hoje, me recordo da primeira tarde de futebol em Montes Claros. Devia ter sido lá pelo ano de 1905. À falta de local apropriado, jogou-se no largo da Matriz e a idéia fora lançada pelos padres premonstratenses, naquela época aqui chegados. Quero crer que, apesar de anunciada a novidade, ninguém da gente sisuda de então, se arredou de

---

<sup>33</sup> Carta de D. Joaquim Silvério de Souza enviada ao Abade do Parc aos 28 de maio de 1910. Arquivo da Abadia do Parc, Bruxelas.

seus confortos para assistir o desenrolar do jogo. O que me lembro bem é do desenlace. Colocada a bola ao largo e ao apito do treinador, a rapaziada neófito e destraquejada daquele tempo entrou furiosamente a desenvolver coices desordenados, à direita e à esquerda, obrigando a bola a bater-se rigidamente nas janelas das casas, quebrando os vidros com estardalhaço e aos protestos dos proprietários. E foi assim que o insipiente time dos rapazes do S. Noberto não passou daquela tarde em que tão fragorosamente as vidraças se quebravam. Releva ainda lembrar que o jogo era composto de uma só esquadra em que figuravam, se não me falha a memória, Othon Reis, Mendoncinha, Pedro Mendonça, João Vieira, Carlito dos Anjos, Juca Barbosa, Castelar Prates, Antônio Maia, Quincas Souto, Antônio Faria, Juca Braga, Neco Braga, Mário Prates e Augustinho Guimarães<sup>34</sup>.

Assim como ocorreu em Montes Claros, a inserção inicial do futebol pode ser atribuída à ação de religiosos em várias localidades. Sobretudo nos colégios, como ferramenta pedagógica, o futebol, desde o período imperial brasileiro, já estava presente pela iniciativa de jesuítas e religiosos de outras ordens. Santos Neto<sup>35</sup> atribui aos jesuítas a introdução do futebol no Brasil, contrariando a ideia amplamente propagada pela história do paternalismo desse esporte ser atribuída a Charles Miller. Para o pesquisador, esse erro ocorre pelo fato de que, nos colégios, o futebol, enquanto prática educacional e recreativa, não chamava a atenção da imprensa.

Pertencente a uma ordem belga, Padre Vincart, um dos primeiros missionários religiosos a chegar a Montes Claros, provavelmente já teria contato com o futebol antes de vir para o Brasil. Com isso, tentou utilizar a modalidade esportiva como ferramenta para atrair jovens membros da elite local.

A primeira partida de futebol em Montes Claros, além do fato de ter sido promovida por um religioso, assemelha-se ao que acontecia em outros locais

---

<sup>34</sup> LAFETÁ. In: PAULA, Hermes Augusto de. *Montes Claros sua história sua gente seus costumes*. Rio de Janeiro: [IBGE], 1957. p. 267.

<sup>35</sup> SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

também por outros fatores. Conforme relato memorialista transcrito anteriormente, a partida diferiu-se muito do futebol posterior praticado entre equipes, pois o jogo foi composto de “apenas uma esquadra”. Santos Neto<sup>36</sup> informa que também nos colégios jesuítas precursores do futebol no Brasil, inicialmente não havia times, os padres jogavam com os alunos que “batiam a bola na parede”; naquele local, só em 1894 adotou-se uma configuração para o jogo próxima do que ocorre hoje.

Já outro autor, numa análise que em parte se assemelha à de Santos Neto, elucida o que está presente no jogo inserido por Charles Miller em São Paulo e por Oscar Cox no Rio de Janeiro que o diferencia do futebol como “interessante passatempo” dos recreios dos colégios: “as regras da Foot-ball Association, associação futebolística fundada na Inglaterra em 1863 que começava a difundir a forma do futebol como o conhecemos hoje”<sup>37</sup>.

Nos colégios religiosos ou fora deles, o futebol (o esporte de uma maneira geral) representava um ideal de sociedade que passava pela dimensão educativa. Lucena<sup>38</sup>, ao analisar a sociedade do Rio de Janeiro no final do século XIX, percebe o esporte tomado pela elite como uma prática “civilizada” e como uma ação “nova” própria da sociedade em transformação, “em contraposição aos jogos tradicionais vistos como parte de uma sociedade colonial e arcaica, fonte de emergência de atitudes rudes e primitivas”.

Também através de relato de memorialistas é possível afirmar que, após a primeira partida de futebol na cidade no ano de 1905, pelo menos mais uma vez o padre Vincart promoveu a prática do futebol na cidade. Dessa vez, sua iniciativa conseguiu ser bem mais duradoura do que a primeira, estendendo-se por alguns anos.

---

<sup>36</sup> Ibidem.

<sup>37</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 22.

<sup>38</sup> LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 11.

Além de apreciador de esportes, o Fco. Teixeira empreendeu vários melhoramentos locais, inclusive a montagem de um centro telefônico. Para esse serviço, em 1913, trouxe de Belo Horizonte um técnico – Fernando Antunes, apaixonado pelo futebol, que vivia a se lamentar da vida no sertão – “Se aqui tivesse um clube de futebol...” E tanto falou que o padre Carlos Vincart, apesar de ter fracassado em 1905 com uma tentativa de futebol aqui, reuniu a rapaziada e organizou um clube – “Montes Claros Foot-ball Clube”. O Fernando partiu imediatamente a Belo Horizonte para comprar a bola (oval) e demais apetrechos. Fizeram o campo na várzea [...]. Os jogos foram rareando até que daí a uns dois anos e tanto não se treinava mais<sup>39</sup>.

As fontes consultadas não permitem precisar a extensão do envolvimento do padre Vincart com o futebol, mas esclarecem que ele se deu de forma significativa. Em 1917, a cidade vivia um novo momento esportivo, agora com a inauguração de clubes de futebol. Em 1917, por ocasião da inauguração do segundo clube do gênero na cidade, era noticiado em jornal local:

#### **America Foot-Ball Club**

Mais uma associação do genero sportivo se funda nesta cidade é a que tem o titulo da epigraphe supra.

Endereçamos á directoria da novel sociedade nossos sinceros agradecimentos pela communição que nos fez e formulamos os nossos melhores votos pelas suas francas e constantes prosperidades.

Eis o officio:

Illmº. Sr.

Tenho a honra de communicar a V. Sa. a fundação nesta cidade, do “America Foot-Ball Club”, cuja directoria, empossada hontem, ficou assim composta:

Presidente honorário, Cônego Carlos Vincart; presidente effectivo, dr. José Barbosa Netto; vice-presidente, dr. Luiz de Oliveira; 1º secretario, dr. E. Castelar Prates; 2º secretario, Hermenegildo Chaves; Thesoureiro, dr. Giovanni Vecchio.

Apresento a V. Sa. meu saudar respeitoso.

Illmº Sr. Pharmaceutico A. Ferreira de Oliveira, redactor do “Montes Claros”.

Montes Claros, 9 de fevereiro de 1917.

---

<sup>39</sup> PAULA, Hermes Augusto de. *Montes Claros sua história sua gente seus costumes*. Rio de Janeiro: [IBGE], 1957.

Hermenegildo Chaves, 2º Secretario<sup>40</sup>.

Mais uma vez, Vincart fazia-se presente em uma ação relacionada ao futebol. Como presidente honorário do America Foot-Ball Club o religioso comprovava que suas atividades iam muito além do ofício religioso.

Outra prática de diversão, o teatro, também compôs as iniciativas dos premonstratenses. Estes religiosos fundaram um grupo teatral denominado São Genesco que apresentou durante a sua existência 29 peças. Além desse grupo, os premonstratenses incentivavam a frequência a espetáculos teatrais de outros grupos.

O grupo São Genesco foi fundado pelo Padre Vincart assim que ele se mudou para o antigo prédio da Escola Normal. Com um espaço privilegiado, mandou armar um palco em um dos salões do imóvel. Com cerca de quarenta rapazes como sócio-fundadores, o grupo era bem conhecido e admirado na cidade<sup>41</sup>.

Conforme Maurice Gaspar<sup>42</sup> (1930), os missionários belgas Vincart e Maussen (Padre Bento), dedicaram-se muito para o desenvolvimento do grupo que, durante dois anos, realizou mais de vinte apresentações, das quais algumas tiveram grande sucesso. Após dois anos de funcionamento o grupo cessou suas atividades. Os premonstratenses transferiram-se para uma nova residência que não possuía local apropriado para reuniões deste gênero.

Em manifestação publicada no ano de 1907 no jornal A Verdade, por ocasião do pouco público presente em uma apresentação do grupo Myosotis, formado por alunos da 4ª. cadeira de ensino, argumentaram os religiosos:

O theatro, antes de florescer, parece decahir em uma sociedade como a nossa [...]. Em Montes Claros o divertimento e o recreio ainda não se apreciam convenientemente, ainda não se

---

<sup>40</sup> JORNAL MONTES CLAROS, 15 de fevereiro de 1917, ano II, n. 40, p. 2.

<sup>41</sup> PAULA, "Montes Claros sua história...".

<sup>42</sup> GASPARG, "Trente Années d'Apostolat...".

preferem prazeres estheticos á satisfação das sensibilidades *physicas* [...] Um representação scenica é um livro impresso em tantos exemplares, quanto são os espectadores [...] Infelizmente como se vê ha ainda corações petrificados, que não vibram com o divino fluido, que tem sido a força geratriz de todo progresso humano. Não, não vae bem esse indifferentismo mal entendido, enervador da prosperidade e do progresso, incompatível com a civilização de Montes Claros. Não é só o corpo que tem necessidades, o espirito também as tem. Brevemente haverá no “S. Genesco” a representação de um drama importante, recreativo e moralizador, que deve ter espectadores para não ser desaproveitado. O gosto do bello conduz ao gosto do bem<sup>43</sup>.

“Divino fluido”, “progresso humano”, “prosperidade”, “civilização”, “moralizador”, “bello”, “bem”, são palavras e expressões associadas ao divertimento que impõem um direcionamento bem delineado para sua experiência. Não havia espaço para a recreação desinteressada, pois a formação humana não podia prescindir dessas vivências. Mais do que uma forma adequada de diversão, as peças teatrais contribuíam, na visão dos premonstratenses, para a formação do espírito do homem. Tais manifestações deveriam ser apoiadas pela sociedade sob pena de ser vista como atrasada, quando o ideal republicano ansiava por uma sociedade moderna onde devia prevalecer o ideal da *mente sana in incorpore sano*.

### **Considerações finais**

Ao contrário da estabilidade apresentada pelos premonstratenses de Averbode em São Paulo, desde o início os religiosos da abadia do Parc se manifestaram insatisfeitos com os limitados resultados de sua missão. Em busca de melhoras, eles acabaram se dividindo em duas casas. O jovem cônego Carlos Vincart queria mais para a sua vida. Ao assumir a paróquia de Montes Claros

---

<sup>43</sup> JORNAL A VERDADE, 14 de dezembro de 1907, ano I, n. 27, p. 1.

foi satisfeita uma exigência, uma paróquia que tivesse no mínimo 10.000 habitantes e que oferecesse uma real sustentação aos missionários. Diante da pastoral de conservação vigente, eles apresentaram ao povo algumas propostas que inovavam a prática religiosa habitual do sertão mineiro: futebol, teatro, jornal católico e outros esforços de proporcionar novos elementos culturais ao povo sertanejo. A população montes-clarense não via diferença entre os cônegos belgas e os padres diocesanos, aliás, a única diferença estava na veste. Enquanto os diocesanos usavam a batina preta, os premonstratenses usavam o hábito branco. Para o povo em geral existiam os padres de batina preta e os de batina branca, nada mais.

Esta pesquisa demonstra que os premonstratenses do Parc encontraram finalmente em Montes Claros uma situação favorável ao seu objetivo missionário. O contexto encontrado pelos missionários no norte de Minas Gerais, aliado às crenças e opções de trabalho destes religiosos levaram à adoção de uma marcante vida comunitária, em que aspectos menos ortodoxos da ação religiosa foram adotados.

O futebol é um dos exemplos de estratégia de trabalho menos usual adotada pelos premonstratenses em Montes Claros. Assim como em outras cidades brasileiras, este esporte foi vinculado a uma elite que adotava o *ethos* esportivo como símbolo de evolução, como marca de uma sociedade moderna. A valorização ou não dessa prática revela um deslocamento de interesse do tradicional para o moderno e expõe parte das tramas sociais e políticas de uma cidade que aspirava ao pertencimento ao mundo novo que se descortinava.

Estradas empoeiradas, língua estranha, alimentação e hábitos culturais mais estranhos não foram impedimentos à vontade dos padres brancos. Da Bélgica longínqua, aos sertões de Minas Gerais, o percurso dos premonstratenses, no raiar do século XX, é parte significativa da história da região norte mineira. Assim, torna-se relevante o resgate das ações destes missionários em solo brasileiro.

## Referências

- AMANN, E. Prémontrés. In : *Dictionnaire de Théologie Catholique*, XIII/1, Paris 1936.
- ARDURA, B. *Premostratensi: nove secoli di storia e spiritualità di un grande Ordine Religioso*. Bologna, 1997.
- AZZI, R. Os Institutos religiosos no Brasil durante a época imperial. *Convergência*, v. 115, 1978.
- CARRERA, N. C. La Evangelización de Amércia: memoria y perspectivas. In: PONTIFICIA COMMISSIO PRO AMERICA LATINA, *Os Últimos Cem Anos da Evangelização na América Latina*, 1999.
- CARDENAS, E.; ALDEA, Q. *Manual de Historia de La Iglesia*, X, Barcelona 1987.
- Carta do Cônego Carlos Vincart ao Abade do Parc Quirin G. Nols aos 16 de novembro de 1898. Arquivo da Abadia do Parc, Bruxelas.
- Carta do Cônego Carlos Vincart ao Abade do Parc Quirin G. Nols aos 20 de dezembro de 1902. Arquivo da Abadia do Parc, Bruxelas.
- Carta de D. Joaquim Silvério de Souza ao Abade do Parc Quirin G. Nols aos 18 de novembro de 1902. Arquivo da Abadia do Parc, Bruxelas.
- Carta de D. Giulio Tonti ao Cônego Carlos Vincart aos 22 de maio de 1903. Arquivo Secreto do Vaticano, Roma. Nunziatura Apostolica in Brasil, (1902-1906), fasc. 495.
- DEREINE, C. *Les Origines de Prémontré. Révue d'Histoire Ecclésiastique*, v. XLVII, 1947.
- HANTRAIN, G. C. Recordando o Jubileu de cem anos da Ordem no Brasil 1894-1995. *Espaço Norbertino*, v. 3, 1994.
- GASPAR, M. M. *L'Abbaye d'Averbode et ses Missions du Brésil*. Louvain, 1905.
- GASPAR, M. M. *Trente Années d'Apostolat au Brésil*, Malines 1930.
- JORNAL MONTES CLAROS, 15 de fevereiro de 1917, ano II, n. 40.
- JORNAL A VERDADE, 14 de dezembro de 1907, ano I, n. 27.
- LAFETÁ. In: PAULA, Hermes Augusto de. *Montes Claros sua história sua gente seus costumes*. Rio de Janeiro: [IBGE], 1957.
- LECLERCQ, D. J. *La Spiritualità del medioevo da San Gregorio a San Bernardo* (sec. VI-XII), Bologna 1969.
- LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- MICELI, Sergio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- PAULA, Hermes Augusto de. *Montes Claros sua história sua gente seus costumes*. Rio de Janeiro: [IBGE], 1957.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES, Gefferson Ramos. *História e igreja: os premonstratenses em Montes Claros*. 2005. (Graduação em História) – Universidade Estadual de Montes Claros, 2005.

SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VALVEKENS, B. Premostratensi. In: *Dizionario degli Istituti di Perfezione*, VII. Frascati, 1973.